

O Plano de Bomba-Carta do Lehi contra o Presidente Harry S. Truman em 1947

Em meados de 1947, enquanto as tensões escalavam no Mandato Britânico da Palestina, o grupo paramilitar sionista Lehi, também conhecido como Gangue Stern, orquestrou uma tentativa ousada, mas malsucedida, de atacar o presidente dos Estados Unidos, Harry S. Truman, com bombas-carta. Esse incidente pouco conhecido, ofuscado pelos atos mais infames do Lehi, reflete a disposição do grupo de atacar figuras internacionais vistas como obstáculos à sua visão de um estado judaico. Embora o plano não tenha causado danos, ele destaca a interseção volátil entre a política externa dos EUA e a insurgência judaica que antecedeu a fundação de Israel em 1948.

Contexto: Lehi e a Luta pela Palestina

O Lehi, fundado em 1940 por Avraham Stern, era um grupo dissidente radical da maior organização Irgun Zvai Leumi, ambos com o objetivo de encerrar o domínio britânico na Palestina e estabelecer um estado judaico. Diferentemente do mais moderado Irgun, o Lehi adotava táticas extremas, incluindo assassinatos e atentados a bomba, direcionados a funcionários britânicos, civis árabes e até mesmo judeus moderados. Em 1947, a campanha do Lehi intensificou-se, impulsionada pela frustração com as políticas restritivas de imigração judaica dos britânicos – codificadas no Livro Branco de 1939 – e pelo lento progresso da comunidade internacional na resolução da questão palestina.

O presidente Harry S. Truman, que assumiu o cargo em abril de 1945, foi uma figura central nesse contexto. Simpatizante dos refugiados judeus e da causa sionista, Truman apoiou a criação de uma pátria judaica, reconhecendo Israel minutos após sua declaração de independência em 14 de maio de 1948. No entanto, em 1947, sua administração enfrentava pressões conflitantes: apoiar as aspirações judaicas enquanto mantinha relações com estados árabes e evitava se envolver no caos do Mandato Britânico. Os apelos de Truman por maior imigração judaica para a Palestina e seu endosso ao plano de partição da ONU foram considerados insuficientes por grupos como o Lehi, que viam qualquer atraso ou compromisso como traição.

O Plano: Bombas-Carta para a Casa Branca

Em meados de 1947, agentes do Lehi enviaram uma série de bombas-carta endereçadas ao presidente Truman e a altos funcionários da Casa Branca. Esses dispositivos, disfarçados como correspondência comum, faziam parte de uma campanha mais ampla que incluía bombas semelhantes enviadas a funcionários britânicos, como o secretário de Relações Exteriores Ernest Bevin e o secretário colonial Arthur Creech Jones. O plano foi orquestrado pela liderança do Lehi, provavelmente envolvendo figuras como Yitzhak Shamir,

futuro primeiro-ministro de Israel, que desempenhou um papel-chave nas operações do Lehi durante esse período.

As bombas-carta foram interceptadas antes de chegarem aos seus alvos, provavelmente pelos serviços postais ou de segurança dos EUA, embora os detalhes específicos da interceptação sejam escassos. Não ocorreram explosões, e não foram relatados feridos ou mortes. O incidente recebeu atenção pública mínima na época, possivelmente para evitar inflamar as relações entre os EUA e os sionistas ou incentivar novos ataques. Registros históricos, incluindo relatos de tentativas de assassinato de presidentes dos EUA e atividades do Lehi, confirmam a existência do plano, mas oferecem poucos detalhes, refletindo seu status como uma operação menor e fracassada.

Motivação: Por que atacar Truman?

A decisão do Lehi de mirar Truman decorreu de sua percepção de que a política dos EUA não apoiava suficientemente os objetivos sionistas. Apesar da defesa de Truman pela imigração judaica e por uma pátria judaica, o Lehi via a abordagem cautelosa de sua administração – que equilibrava os interesses árabes e britânicos – como um obstáculo. A estratégia mais ampla do grupo visava internacionalizar sua “guerra de libertação” contra o domínio britânico e pressionar as potências globais por ações decisivas. Ao atacar Truman, o Lehi buscava enviar uma mensagem de que nenhum líder estava fora de seu alcance, na esperança de perturbar a inércia diplomática e atrair atenção para sua causa.

A tática das bombas-carta não era nova para o Lehi. Eles haviam sido pioneiros em seu uso em ataques anteriores, incluindo uma tentativa em 1946 contra funcionários britânicos e o assassinato de Lord Moyne, ministro de Estado britânico para o Oriente Médio, em 1944. A campanha de 1947 estendeu essa abordagem aos EUA, refletindo a crescente audácia e desespero do Lehi à medida que o conflito na Palestina se intensificava.

Consequências e Impacto

O plano frustrado teve pouco impacto imediato. Truman, imperturbável, continuou a moldar a política dos EUA em relação à Palestina, culminando em seu rápido reconhecimento de Israel em 1948. O incidente não alterou significativamente as relações entre os EUA e os sionistas, provavelmente devido à sua confidencialidade e ao contexto mais amplo do apoio americano a um estado judaico. O Lehi, condenado como organização terrorista pela ONU, pelos governos britânico e americano, bem como por líderes sionistas mainstream como David Ben-Gurion, foi dissolvido após a fundação de Israel em 1948. Seus membros foram integrados às Forças de Defesa de Israel, e alguns, como Shamir, ascenderam a papéis políticos proeminentes.

A obscuridade do plano nas narrativas históricas reflete sua falta de consequências tangíveis e a sensibilidade das relações entre EUA e Israel na época. Diferentemente do assassinato de Folke Bernadotte pelo Lehi em 1948, que provocou indignação internacional, o plano contra Truman permaneceu uma nota de rodapé, mencionada apenas de passagem em relatos das atividades do Lehi ou da segurança presidencial dos EUA.

Legado e Significado Histórico

O plano de bomba-carta contra Truman em 1947 destaca as complexidades do movimento sionista pré-Israel, que abrangia tanto facções moderadas quanto extremistas. As ações do Lehi, embora condenadas por figuras como Chaim Weizmann e Ben-Gurion, faziam parte de uma luta mais ampla que acabou contribuindo para a fundação de Israel, embora seus métodos alienassem aliados e complicassem a diplomacia. O incidente também sublinha os desafios iniciais do envolvimento dos EUA no Oriente Médio, enquanto Truman navegava entre pressões domésticas e internacionais para definir o papel da América no conflito árabe-israelense.

Hoje, o plano é ocasionalmente citado em discussões sobre tentativas de assassinato de presidentes dos EUA ou sobre o legado controverso do Lehi. Em plataformas como o X, referências ao incidente aparecem às vezes em narrativas que questionam as relações entre EUA e Israel, mas frequentemente carecem de nuances ou exageram a influência do Lehi. Historiadores veem o plano como um episódio menor, mas revelador, que ilustra até onde grupos extremistas estavam dispostos a ir na busca de seus objetivos.

Conclusão

O plano de bomba-carta do Lehi contra o presidente Harry S. Truman em 1947 foi uma tentativa fracassada de intimidar uma figura internacional chave durante um momento crucial do conflito palestino. Embora não tenha causado danos, reflete as táticas radicais do Lehi e os altos riscos da luta sionista pela estatalidade. A resiliência de Truman e seu apoio contínuo a um estado judaico ajudaram a moldar o Oriente Médio moderno, tornando o plano do Lehi um ato fugaz, embora ousado, de desafio em uma era transformadora.